


# XELB 4



Actas do 1º Encontro de  
Arqueologia do Algarve  
Silves - 2003



**.XVII**

O Sítio Islâmico do Tejo do Praio, Quinta do Lago, Loulé:  
uma primeira análise e caracterização

**Ana Margarida Arruda\*, Rui Roberto de Almeida\*\*  
e Vera Teixeira de Freitas\*\*\***

## Resumo

O sítio do Tejo do Praio foi identificado em 1984, aquando das obras de construção do campo de golfe de São Lourenço da Quinta do Lago, que puseram a descoberto restos de estruturas habitacionais e um abundante espólio.

Entre 1984 e 1986, decorreram trabalhos arqueológicos de emergência que viriam a ser retomados em 1998 e 2001. Verificou-se que a presença humana era extensa no tempo, mais concretamente entre o século I e o século XII da nossa era, e que se materializava em dois grandes núcleos de ocupação: um de época romana, com estruturas habitacionais e industriais, e outro atribuível ao período islâmico, com estruturas habitacionais e necrópole associada. A ocupação islâmica e a ocupação romana nunca se sobrepunham, localizando-se em áreas diferenciadas, mas próximas, razão pela qual se justifica um estudo individualizado.

No trabalho que aqui se apresenta, que pretende dar a conhecer os resultados obtidos nas várias intervenções realizadas, elabora-se uma análise conjunta das mesmas e ensaia-se uma primeira leitura e caracterização do sítio.

\*Investigadora da UNIARQ, Centro de Arqueologia, Faculdade de Letras, 1600-214 Lisboa, Portugal. E-mail: a.m.arruda@mail.doc.fl.ul.pt

\*\*Bolsheiro da Fundação para a Ciência e Tecnologia, Colaborador da UNIARQ.

\*\*\*Colaboradora da UNIARQ.

## **Abstract**

The Tejo do Praio site, located in Quinta do Lago, was first identified in 1984, during the São Lourenço golf course construction, which allowed the recognition of several houses and a considerable amount of remains.

Between 1984 and 1986 took place several archaeological salvation excavations, reinitiated in 1998 and 2001.

It was observed that the human presence was extended in time, more acutely, between the I century and the XII century A.D., what was recognized in two major occupations nuclei: one from Roman times, with domestic and industrial structures, and another from Islamic period, with house structures and associated necropolis. The Islamic and Roman occupations were never over put, located each one in distinct, but near, areas. Upon this fact, an individualised study is justified.

In this paper, that wants to get to know the results obtained with the several excavations, it is made a conjoint analysis of the field works and it is essayed a preliminary interpretation and characterization of the site.

## 1. Os trabalhos arqueológicos: o contexto das intervenções.

Em 1984, durante as obras de construção do loteamento e do campo de golfe de São Lourenço, na Quinta do Lago, tornou-se evidente a existência de numerosos vestígios de ocupação humana. A empresa Planal SA decidiu então chamar o Professor Victor S. Gonçalves para que avaliasse a situação e propusesse medidas concretas destinadas a minorar os impactos da obra sobre o património arqueológico detectado.

Foi então verificado que a área afectada pelos trabalhos de terraplanagem era constituída por um espaço habitacional de época islâmica, dada a abundância à superfície de telhas, algumas ainda *in situ* e em conexão, blocos de pedras e fragmentos cerâmicos datáveis, genericamente, entre o século X e o século XII da nossa era.

Perante a situação concreta, entendeu-se que se tornava imprescindível a realização de trabalhos arqueológicos. Assim, e com os custos a cargo da empresa que gere a Quinta do Lago, foi realizada uma extensa e prolongada campanha de trabalhos arqueológicos que decorreu entre 1984 e 1986, com a coordenação científica de Victor S. Gonçalves e Ana Margarida Arruda. Os trabalhos então realizados incidiram não só na área já afectada pelas terraplanagens, onde a ocupação islâmica tinha sido detectada, mas também na zona anexa à Quinta do Ludo, que a construção do campo de golfe tinha também atingido. Aqui foi possível escavar um complexo fabril de época romana, em parte já divulgado (Arruda e Fabião, 1990).

Na área onde se concentravam os vestígios islâmicos, os trabalhos arqueológicos permitiram identificar não só vestígios de estruturas habitacionais, mas ainda uma grande necrópole, que também foi alvo de escavação.

Em 1998, doze anos após o período inicialmente previsto para a urbanização do Loteamento de São Lourenço, a UNIARQ voltou a ser contactada pela Planal SA, uma vez que a construção no loteamento de São Lourenço iria finalmente iniciar-se. O acompanhamento das obras tornava-se imprescindível, uma vez que os vestígios postos a descoberto

na década de 80 do século XX iriam ser desmontados e ainda porque algumas construções e infra-estruturas ocupariam espaços não intervencionados.

Assim, programou-se uma campanha de trabalhos arqueológicos que decorreu entre Julho e Setembro, dirigida no terreno por Rui Almeida e Vera Teixeira de Freitas, sob direcção científica de Ana Margarida Arruda. Num segundo momento desta intervenção, em Janeiro de 1999, que tinha por objectivo exclusivo a desmontagem das estruturas habitacionais, fomos alertados pelos responsáveis da extensão do I.P.A. sediada em Silves, da abertura de uma vala na zona limítrofe do Lote 17. Esta vala, situada no limite norte do referido lote, tinha por finalidade a instalação das condutas de água e de electricidade destinadas ao seu abastecimento. Obviamente, a sua abertura acabou por implicar a destruição do registo arqueológico. Deste modo, esta 2ª Campanha acabou por ter como segundo foco de atenção a intervenção na área que designámos por vala do Sector C.

Em Maio de 2001, a construção de uma estrada junto ao loteamento poria a descoberto vestígios de um enterramento, o que obrigou a nova intervenção no terreno. Desta vez, os trabalhos de campo tiveram o acompanhamento técnico de uma antropóloga, Teresa Ferreira, e foram ainda dirigidos por Vera Teixeira de Freitas e Carla Campos. A direcção científica desta nova intervenção coube ainda a Ana Margarida Arruda.

Os extensos e prolongados trabalhos de campo na Quinta do Lago possibilitaram recolher um importante conjunto de dados que incidem, fundamentalmente, sobre a estruturação dos espaços habitacionais, a sua relação com a necrópole associada e com a cronologia da ocupação.

Na zona em que a ocupação islâmica foi detectada, foram escavados 1.670 m<sup>2</sup>. Em 1998 e 1999, interviu-se na área definida pelos limites reais da área de construção dos lotes 17, 18, 19 e 20, tendo-se escavado os sectores A1, A2 e A3, B1, B2 e B3, C1, C2 e a Vala do sector C, bem como o D1. Em 2001 escavou-se o Sector A4. Para além destes sectores, foram igualmente realizadas algumas sondagens dispersas nas áreas incluídas no perímetro do lote-



**Figura 1.** Planta composta com a localização do sítio do Tejo do Praio no território actualmente português, com a implantação dos lotes 17 a 20 do *Loteamento de São Lourenço* e com as distintas áreas intervencionadas entre 1984 e 2001.



**Figura 2.** Planta composta de síntese dos núcleos habitacionais, necrópole e áreas de acumulação de detritos domésticos.

amento, designadas por sondagens aleatórias, de maneira a confirmar, ou infirmar, os dados recolhidos nos grandes sectores escavados previamente (Figura 1).

Todos estes sectores foram implantados e integrados na malha de quadrícula que serviu de base às escavações da década de 80 do século XX.

## 2. O sítio: localização e implantação.

O sítio do Tejo do Praio, actualmente situado nos terrenos pertencentes à Quinta do Lago, localiza-se na orla costeira algarvia, em pleno parque natural da Ria Formosa. Administrativamente, pertence à freguesia da Almansil, concelho de Loulé, distrito de Faro. As coordenadas geográficas são as seguintes: 8º 00' 43" de longitude e 37º 1' 46", de latitude.

Implanta-se em aluviões holocénicos de baixa altitude, entre os 8 e os 10 metros, tendo a Sul o Esteiro do Ancão e a Este o Esteiro de Maria Nova, distando apenas 1.600m da actual linha de costa.

A ocupação islâmica ocorreu na área mais alta (entre os 8.3 e os 9.8 metros), estabelecendo-se numa zona suavemente declivosa em direcção aos esteiros e ao mar. O complexo fabril romano foi construído na área de menor altitude (3 metros), mais próximo da ria, parecendo, assim, evidente que a ocupação de época islâmica recuou no terreno cerca de 120 metros, em relação àquele.

Actualmente, os dois núcleos estão separadas entre si pelo campo de golfe de São Lourenço.

## 3. Os resultados

### 3.1. A estratigrafia

A potência sedimentológica detectada na área islâmica foi quase sempre muito reduzida (entre 25 e 35 cm, em média). De um modo geral, sobposto à UE superficial, que corresponde às destruições e alterações provocadas por pequenas terraplanagens e por trabalhos agrícolas antigos, seguem-se várias Ues correspondentes ao momento de abandono e destruição do sítio, bem como aos níveis de ocupação que assentam sobre a rocha.

No interior dos espaços habitacionais, sob os estratos de abandono e destruição, foi possível registar sequências, tanto verticais como horizontais, que traduzem diversos momentos de utilização e construção / remodelação dos compartimentos, o que evidencia, justamente, a continuidade da ocupação ao longo dos, aproximadamente, dois séculos em que o sítio terá sido ocupado.

Essa continuidade implicou, justamente, que a grande maioria do espólio recolhido date dos últimos momentos de ocupação, pertencentes ao século XII, e que os materiais mais antigos sejam provenientes de contextos de superfície ou de lixeiras domésticas, e não do interior dos espaços habitacionais.

Assim, e apesar de, no seu conjunto, o espólio recolhido indicar uma ocupação prolongada, cerca de dois séculos, tudo indica que essa ocupação decorreu em continuidade, não sendo detectadas quaisquer rupturas.

### 3.2. A arquitectura

#### 3.2.1. As técnicas construtivas: os aparelhos e os materiais

A escavação dos espaços habitacionais permitiu documentar que as paredes que definiam os compartimentos eram estruturadas em alvenaria, com pedra local, e que tinham sido consolidadas com terra argilosa, bastante compacta. Este alicerce de pedra foi construído directamente sobre o substrato geológico, podendo afirmar-se que não foram efectuadas quaisquer valas de fundação para a sua edificação. Mesmo nos casos em que existia um desnível no substrato geológico, este foi colmatado, ou com a própria argila que consolidava a alvenaria, ou com a deposição de terras, ou ainda através da colocação de uma pequena fiada de pedras suplementar.

Sobre estes alicerces de alvenaria, erguiam-se paredes de taipa e/ou de adobes, ocasionalmente rebocadas na face. Na produção da taipa, utilizou-se, maioritariamente fauna malacológica, concretamente *ostrea* e *pecten*, tendo-se tornado também evidente que as argilas usadas eram de origem local, correspondendo às do substrato geológico.



A cobertura das estruturas habitacionais foi efectuada com telhados de imbrices, de que se encontraram numerosos testemunhos, e ainda com materiais percíveis. Esta última situação documentou-se pela ausência de telhas em áreas que seriam cobertas e onde se detectaram os respectivos momentos de abandono/destruição. Os telhados seriam suportados por traves colocadas sobre as paredes, mas a sua sustentação seria ainda ajudada por postes, de cujos «buracos» encontramos evidências no interior das habitações.

Os solos de ocupação foram, num primeiro momento, maioritariamente o próprio substrato geológico, que oferecia condições para tal. Mais raros eram os pisos de terra batida e de argila compactada. A sua presença reporta-se sempre a momentos de repavimentação ou de nivelamento. Nos próprios pisos era também frequente a utilização de conchas muito fragmentadas, consolidadas com uma terra argilosa muito compacta.

No interior de praticamente todos os compartimentos, registou-se a presença constante de lareiras, estruturadas ou não, e construídas directamente ou sobre depressões na rocha ou sobre pisos previamente existentes. Na totalidade dos casos, cada solo de *habitat* apresentava apenas uma lareira.

### 3.2.2. Os espaços habitacionais: sua organização e estruturação.

Os resultados das intervenções de 1984 a 2001 estão consubstanciados num grande volume de informação, que possibilita uma leitura do sítio não só ao nível da área ocupada, mas também no que diz respeito às relações entre os diferentes núcleos habitacionais, sua cronologia e faseamento, bem como outros pormenores de carácter mais específico, relacionados com a arquitectura deste tipo de sítios, de si pouco conhecida, bem como de algumas soluções adaptativas face ao meio local.

A escavação permitiu identificar cinco núcleos habitacionais distintos. Estes não eram contíguos, mas separados entre si por espaços de dimensão variável, estando, aparentemente, disseminados de forma aleatória no terreno. O conjunto dos cinco núcleos habitacionais não parece, portanto, ter

obedecido a qualquer plano arquitectural prévio. Entre os cinco núcleos não foram definidos quaisquer arruamentos, ou outro tipo de elemento estruturante. As áreas livres de construções, mesmo as que se encontravam junto das habitações, foram utilizadas como local de depósito de detritos (Figura 2), tendo sido verificada a existência de fossas escavadas no paleosolo, especialmente abertas para esse fim.

Dos cinco núcleos habitacionais escavados, quatro parecem obedecer a um mesmo padrão arquitectónico. As plantas dos núcleos I, II e III, melhor conservadas, permitem constatar que se tratava de habitações compostas por dois ou três compartimentos de planta rectangular, anexos entre si, formando um L, ou um U, e com uma orientação geral nordeste/sudoeste.

O núcleo habitacional V, possuindo 5 compartimentos e localizado na área mais elevada, é o único caso que foge manifestamente à regra. No entanto, quer na dimensão quer na orientação e disposição, parece obedecer também ao mesmo plano arquitectural dos anteriores núcleos. Os compartimentos I, II e III correspondem ao que nos outros núcleos definia a totalidade do espaço habitado, não tendo a estratigrafia provado se os compartimentos IV e VI e o espaço V foram construídos ao mesmo tempo que os anteriores ou se trata de acrescentos a uma primitiva habitação composta pelos compartimentos I, II e III.

Os compartimentos das casas abriam para o espaço exterior e não comunicavam entre si. Os espaços localizados à entrada dos compartimentos eram comuns e correspondiam aos pátios exteriores, nos quais se detectou a existência de «poiais» e «canteiros», semelhantes a outros já documentados em vários sítios deste tipo de *habitat*.

À semelhança dos espaços habitacionais de meio urbano, seria nestes pátios que eram realizadas inúmeras das actividades ligadas à vida doméstica. A evidência disponível, nomeadamente no pátio do núcleo habitacional V, onde se recolheram agulhas e fusos, aponta para este tipo de actividades.

Os compartimentos têm áreas médias de 13 m<sup>2</sup>, com comprimentos variando entre os 6 e os 7 metros e larguras entre os 2 e os 2.5 m.



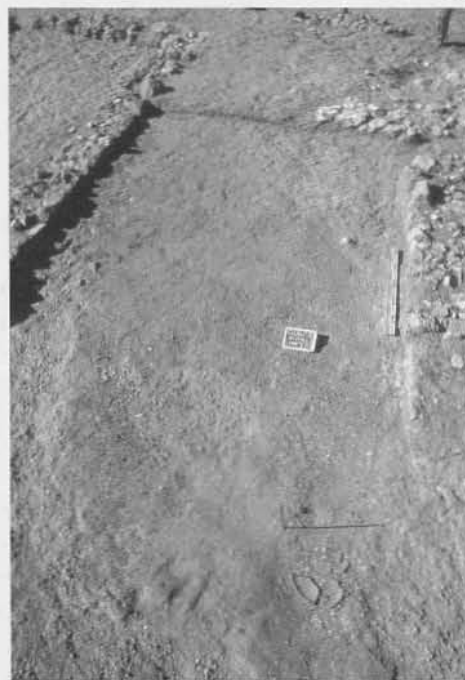
1



2



3



4



5

**Figura 3.** 1- Núcleo habitacional 2 com o silo e a lareira no interior do compartimento 1; 2 - Vista global do núcleo habitacional 5; 3 - Aspecto da acumulação intensa dos detritos domésticos na Vala do Sector C; 4 - Vista dos sucessivos pisos de argila no interior do compartimento 5 do núcleo habitacional 5; 5 - Aspecto parcial da necrópole.

Parece ainda importante referir que, à excepção dos pátios, os compartimentos identificados nos diversos núcleos habitacionais não se diferenciavam de acordo com qualquer tipo de especificidade de funções, ou pelo menos essa funcionalidade não pode ser esclarecida.

O facto de em todos eles se terem encontrado lareiras e do pouco espólio recolhido no seu interior não evidenciar diversidades funcionais, permite pensar que todos assumiriam um carácter pluri-funcional, podendo ter funcionado simultaneamente como espaços para a preparação e confecção de alimentos e como alcovas.

Em alguns dos compartimentos, encontraram-se pequenas depressões no «paleosolo», que estavam entulhadas de detritos domésticos. Algumas, no entanto, pelas dimensões e características que apresentavam, poderiam corresponder, num primeiro momento da sua utilização, a estruturas de suporte de recipientes, utilização possível de admitir também para a estrutura circular feita com telhas encontrada no canto sul do compartimento III do núcleo habitacional V.

No que concerne às áreas de armazenagem, a evidência é relativamente escassa. Apenas em um caso se registou a presença de um silo localizado no interior do espaço doméstico. Os restantes dois situavam-se, aparentemente, no exterior das casas. O facto de no Sector BIII as construções se encontrarem totalmente destruídas não nos permite confirmar esta hipótese.

Um dos aspectos mais marcantes da ocupação islâmica do sítio do Tejo do Praio é o que diz respeito às áreas de despejo dos detritos domésticos, por outras palavras, às suas lixeiras.

As áreas livres de construções, apesar de estarem próximas das habitações, foram utilizadas como local de depósito de todo o tipo de detritos domésticos. Estas deposições manifestaram-se de três modos: pela abertura de pequenas fossas para o efeito e pelo seu respectivo entulhamento; pela simples deposição cumulativa e continuada, constituindo verdadeiros concheiros; pelo entulhamento de grandes fossas, abertas no substrato geológico

para a extracção de argilas destinadas à construção. A Vala do Sector C é um desses exemplos.

Gostaríamos ainda de referir que estamos convictos que os cinco núcleos habitacionais identificados correspondem, senão à totalidade, seguramente a maior parte da ocupação do sítio. A ampla escavação realizada permitiu, de facto, delimitar com rigor a área ocupada durante a época islâmica e a única reserva que pudemos fazer a esta constatação prende-se com o facto de não ser possível saber se alguma estrutura habitacional, ou outra, se encontrava no espaço agora preenchido pelo Campo de Golfe.

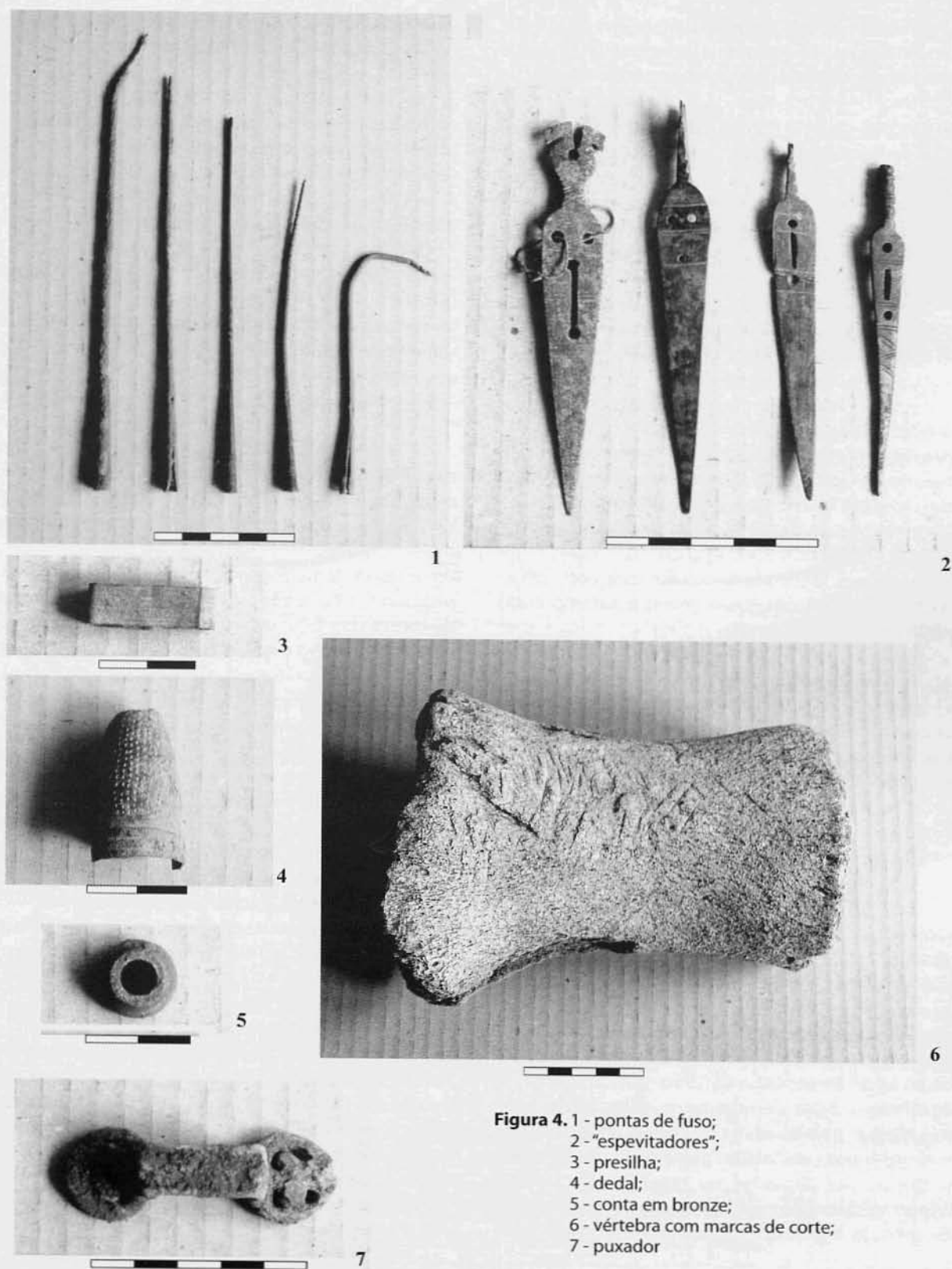
### 3.3. A necrópole<sup>4</sup>

A necrópole islâmica da Quinta do Lago era contígua às habitações, localizando-se a Noroeste destas. Era constituída por um total de 73 sepulturas, que correspondem a 76 enterramentos. Não podemos, no entanto, deixar de referir que um enterramento foi detectado em plena área habitacional, não sendo assim de excluir a existência de outros. Também o facto de, aquando da primeira visita ao terreno no ano de 1984, serem visíveis, no corte efectuado para a construção do campo de golfe, restos de pelo menos dois enterramentos é outro dado a considerar no momento de avaliar a totalidade de indivíduos sepultados.

Os 76 enterramentos já identificados na Quinta do Lago (75 agrupadas na necrópole, 1 na área habitacional) eram, na totalidade, de inumação. Trata-se de fossas abertas no substrato geológico, de forma geral oval, e cujas dimensões variavam, no caso das sepulturas individuais, entre os 80 X 35 cm e os 50 X 20 cm, valores directamente relacionados com a idade do inumado.

Maioritariamente, estas sepulturas não apresentavam qualquer cobertura, que não fosse a terra depositada sobre a inumação. Apenas em dois casos (1 na necrópole, outro na área habitacional), uma cobertura de telhas foi identificada, havendo também sepulturas em que no seu topo estavam colocadas algumas pedras, que não chegavam, no entanto, a formar nenhum tipo de cobertura definida.

<sup>4</sup> Os ossos recolhidos na necrópole da Quinta do Lago estão em estudo pela equipa da Dra. Eugénia Cunha, não sendo possível, neste estudo, apresentar dados referentes a idades, sexos, e patologias dos indivíduos inumados nesta necrópole. Limitamo-nos, pois, aqui, a descrever, genericamente, a necrópole e os enterramentos, sendo o seu estudo antropológico alvo de trabalho específico.



**Figura 4.** 1 - pontas de fuso;  
2 - "espevitadores";  
3 - presilha;  
4 - dedal;  
5 - conta em bronze;  
6 - vértebra com marcas de corte;  
7 - puxador

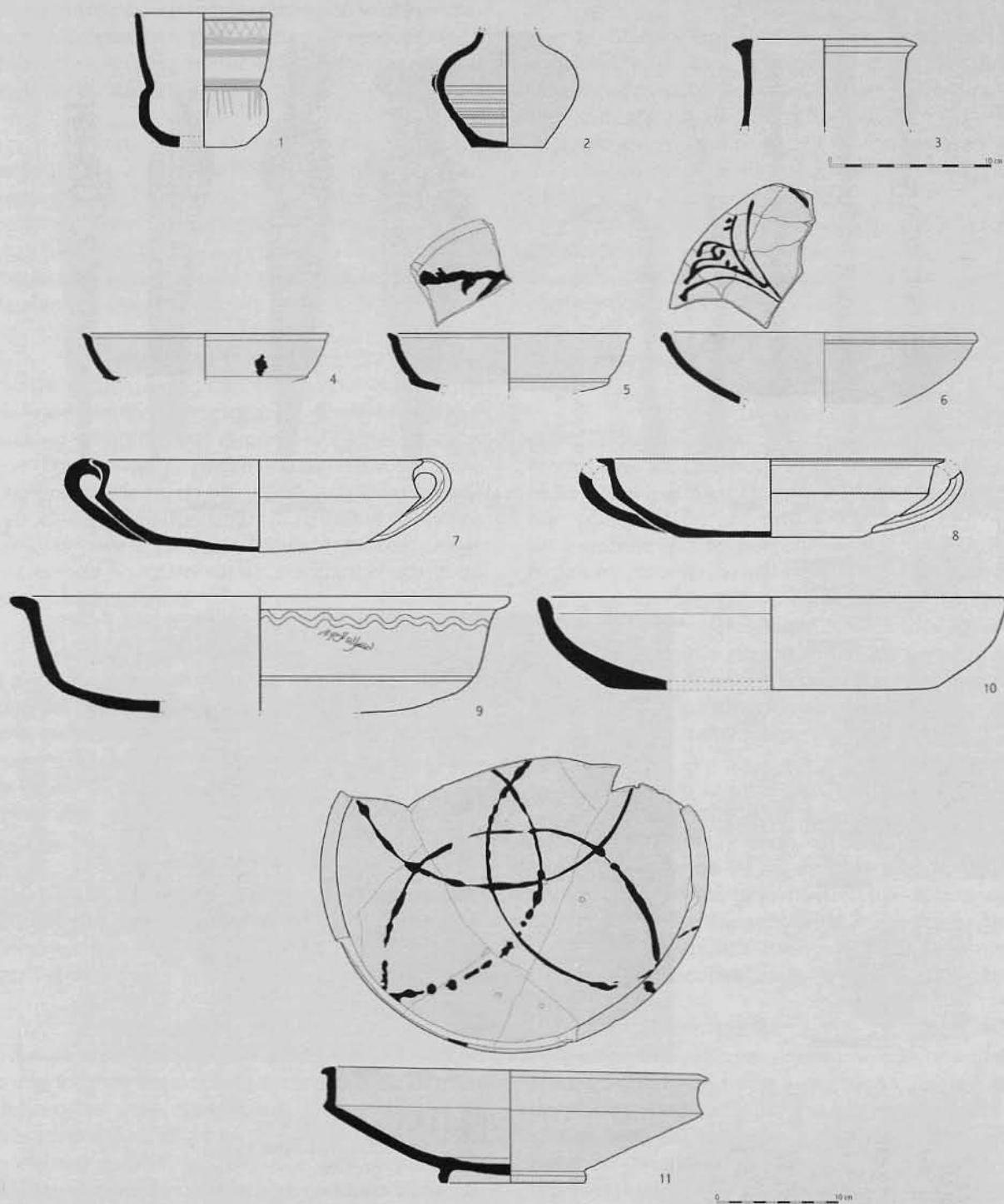


Figura 5. Cerâmicas várias recolhidas nos distintos sectores do Tejo do Praio

A maioria das sepulturas eram individuais, contendo cada fossa apenas um indivíduo. Havia, no entanto, alguns casos (três), em que ficou evidenciada a existência de ossos correspondentes a duas inumações. Num desses casos, ambos os inumados eram adultos, nos restantes dois tratava-se de um adulto e de uma criança.

As fossas onde os enterramentos foram efectuados eram, geralmente de baixa profundidade (25 - 30 cm), havendo, contudo, casos em que as fossas atingiam os 50 cm. Tinham todas a mesma orientação, concretamente Sudoeste/Nordeste. As inumações foram efectuadas seguindo esta mesma orientação, e foram colocadas em decúbito lateral direito, estando a cabeça localizada a Sudoeste.

Destaca-se também o facto de nenhum tipo de espólio arqueológico estar associado a estas sepulturas, o que nos dificulta a atribuição de uma cronologia mais precisa.

### 3.4. Os materiais

#### 3.4.1. As cerâmicas<sup>5</sup>

No Tejo do Praio, estão presentes ainda alguns tipos cerâmicos do século IX, típicos do período emiral, como as jarrinhas de pastas cremes e esbranquiçadas pintadas com traços negros ou castanho avermelhados, bem como outras formas também fechadas, de pastas idênticas, e cujos fragmentos, diminutos ou incaracterísticos, não permitem uma atribuição formal precisa (Catarino, 1997/98: 820-821). Estes tipos cerâmicos surgem igualmente em sítios como Vale do Bôto e Lezíria, ambos no concelho de Castro Marim (Catarino, 1997/98: 555).

No entanto, o estudo do espólio tornou evidente uma melhor representação, na amostra, das cerâmicas datadas a partir do século X, concretamente: cerâmicas com decoração a verde e manganés; vidrados monocromos amarelados e melados, por vezes com decorações a manganés; cerâmicas com motivos pintados a branco. Neste contexto, parece útil recordar que, como referiu Helena Catarino (1988), é este o momento em que,

com o estabelecimento do califado omíada, se verifica o aparecimento de cerâmicas tipicamente muçulmanas no mundo rural.

É dos períodos seguintes, em pleno Reino de Taifas e Almorávida, que data a maioria das cerâmicas recolhidas, que adquirem uma esmagadora representação no conjunto. Num primeiro momento, as formas seguem, salvo em alguns casos, as do período anterior, com as respectivas evoluções e alterações.

Ao nível das cerâmicas não vidradas, assiste-se a uma maior frequência de panelas, púcaros e jarrinhas de pastas avermelhadas, muitas delas apresentando decorações pintadas a branco nos colos, asas e bojos, com motivos que, segundo segundo Bazzana (1980:87), são de tradição berbere. No Algarve, estas cerâmicas pintadas estão também presentes em vários sítios, como por exemplo em Vale do Bôto (Catarino, 1988: 96).

No que concerne às cerâmicas vidradas, são relativamente abundantes as taças e malgas de pé anelar e bordo pronunciado, bem como as garrafas ou pequenas bilhas com vidrados melados e esverdeados. Em termos gerais, as decorações a óxido de manganés são frequentes na Quinta do Lago, sendo mais raros os fragmentos decorados com corda seca total e parcial, decoração que não é também abundante em outros locais coevos, como é por exemplo o caso do Castelo de Salir e de Vale do Bôto (Catarino, 1988: 67; 1997/98: 826).

O facto de, durante o período Almorávida, muitos dos tipos cerâmicos anteriormente referidos seguirem de perto, tanto em termos formais como decorativos, os atribuídos à época das Taifas, torna, muitas vezes, difícil tentar aferir cronologias finas, tendo apenas por base critérios morfológicos. Datam, no entanto e seguramente, deste último período as sertãs ou caçoilas carenadas, bem como as malgas, também carenadas, com vidrado melado e esverdeado. Aparecem também as estampilhas florais ou vegetais, impressas entre duas linhas circulares incisas e concêntricas, no fundo de malgas vidradas de cor esverdeada e melada.

<sup>5</sup> No presente estudo, optou-se por seguir as Tabelas Tipológicas propostas por Helena Catarino, para o Alto Algarve Oriental (Catarino, 1997/98), onde se agrupam morfológica e cronologicamente os tipos cerâmicos conhecidos, e ainda se estabelecem as devidas relações e correspondências com os trabalhos de fundo anteriores, realizados por outros investigadores, nomeadamente Bazzana (1979, 1980, 1986) e Rossello Bordoy (1978, 1991, 1994).

Estão praticamente ausentes as cerâmicas típicas e características do período almóada pleno, como as grandes jarras estampilhadas e vidradas a verde, os vidrados verdes ou melado escuro com decorações incisas sob o vidrado, ou os vidrados de tons acastanhados.

#### 3.4.2. *Os metais*

Durante os trabalhos de campo, recolheram-se várias pontas de fuso, todas elas em cobre ou bronze. As pontas de fuso da Quinta do Lago são muito semelhantes às recolhidas em Mértola (Macías, 1996: 88, Fig.3.29.), Silves e Vale do Bôto (Catarino, 1988: 54, est.XXVII) apresentando uma complexa decoração incisa no perímetro da parte terminal do seu corpo e o típico enrolamento na ponta, propriamente dita.

Embora não existam estudos tipológicos precisos ou detalhadas sobre este tipo de artefactos, dada a sua pouca variabilidade e perduração de utilização, estes fusos, praticamente existentes em todos os sítios com ocupação islâmica, surgem quase sempre associados a contextos cronológicos dos períodos almorávida e almóada.

De salientar o facto de todos os fusos encontrados na Quinta do Lago terem sido recolhidos em áreas exteriores aos compartimentos dos espaços habitacionais.

Outros dos artefactos metálicos bem documentados são os tradicionalmente chamados "espevitadores" de candil, embora, na verdade, subsistam muitas dúvidas quanto à sua atribuição funcional. Interpretam-se também como pequenas lancetas para trabalhos de costura e pequenas espátulas utilizadas como objectos cirúrgicos ou de cosmética (Azuar Ruiz, 1989: 387). Os exemplares da Quinta do Lago encontram-se profusamente decorados em ambas faces e apresentam entre 2 e 3 perfurações no seu corpo.

No que concerne a este tipo particular de artefactos, a informação disponível é ainda menor do que para o anterior. A atenção que lhes é dedicada na bibliografia arqueológica é muito reduzida, por razões que se prendem, talvez, com a sua

frequente ausência nos contextos arqueológicos. No caso do território actualmente português, conhecem-se vários exemplares provenientes de Mértola e de Vale do Bôto (Catarino, 1988: 55), sem que existam grandes referências para além da menção ao achado ou da documentação fotográfica.

Curiosamente, os exemplares provenientes da Quinta do Lago são formalmente idênticos a alguns dos recolhidos em Mértola (Macías, 1996: Fig.3.36.), do Castillo de La Torre Grossa, em Jijona e de El Castelar de Alcoy (Azuar Ruiz, 1989: 387-393). Tal como os fusos, também os espevitadores surgiram nas áreas exteriores aos compartimentos.

Foi também recolhido um provável cosoiro em bronze no interior do Compartimento I do Núcleo Habitacional II, no Sector AIII, bem como um dedal, perfurado e desgastado na sua extremidade, no interior da "Vala" do Sector C, e uma agulha. O dedal apresenta semelhanças formais com os recolhidos em Mértola (Macías, 1996: 88, Fig.3.32.), os quais se atribuem, genericamente, aos séculos XI-XII.

Ainda no que diz respeito ao espólio metálico, são de destacar uma presilha de um cinto, decorada com pequenos círculos incisos em toda a sua extensão, e um outro objecto, que aparenta ser um puxador de uma peça de mobiliário, ambos de bronze/cobre. A presilha foi recolhida na U.E. [3] do Sector CII e o puxador foi encontrado no interior da lareira, U.E. [11], do Compartimento 2 do núcleo habitacional V, também no Sector CII.

Para além destes, recolheu-se um número considerável de pregos, cavilhas e cunhas, tanto de ferro como de cobre/bronze, bem como alguns pequenos "rebites" ou remates, relacionados com estruturas de madeira e mobiliário.

#### 3.4.3. *Os artefactos de osso*

O espólio de osso é bastante mais diminuto. De registar apenas a ponta de uma agulha, de forma triangular e secção elipsoidal, um cosoiro e uma vértebra com sinais de utilização de corte.

O cossoiro está decorado, na sua parte superior, com incisões circulares concêntricas, agrupadas três a três, num total de quatro, sendo idêntico a um exemplar recolhido em Mértola (Macías, 1996: 88, Fig. 3.30.) e muito semelhante a outro recolhido no Castelo de Salir (Catarino, 1997/98: 846, Est. CXXXVII.7).

A vértebra, aparentemente pertencente a uma baleia<sup>6</sup>, e que se encontrava na U.E.[16] da “vala” do Sector C, apresenta, em toda a área mesial, abundantes e profundas marcas de corte transversais, revelando um intenso uso. A sua funcionalidade não é clara, não sendo de excluir, no entanto, uma provável utilização como cepo ou base de corte para fins diversos.

A existência e relativa frequência de fusos, de agulhas em osso e metal, cossoiros em osso e metal, bem como dedais, atesta a tecelagem, manufactura e confecção doméstica de tecidos. A ausência de pesos de tear não deve ser argumento que pese contra esta interpretação. O facto de não se conhecerem pesos de tear nos contextos de *habitat* islâmicos, pode dever-se, mais do que a condicionamentos da investigação, a uma explicação tecnológica. Provavelmente, o tipo de tear utilizado seria mais avançado que o das épocas antecedentes, baseado numa tensão do fio, de tipo mecânico, não necessitando de um peso vertical.

#### 4. Discussão dos resultados

Os dados atrás enunciados merecem ainda um comentário final, uma vez que a dimensão e a natureza da informação recolhida possibilita uma discussão e contextualização mais globalizantes que em outros casos análogos.

Em primeiro lugar, importa destacar que a dimensão e natureza dos espaços habitados, o tipo de estruturas e a sua organização permite afirmar que estamos perante um sítio de povoamento rural, que, no entanto, não conseguimos claramente fazer corresponder a qualquer dos conceitos estabelecidos (Catarino, 1999), concretamente: alcaria; aldeia, herdade ou granja. Podemos apenas afirmar com segurança que do sítio em análise estão ausentes

todos os elementos que permitam pensar que os espaços habitacionais foram construídos de acordo com modelos arquitectónicos previamente concebidos e que a sua organização dependesse de um qualquer elemento estruturante que os articulasse entre si. Por outro lado, a dimensão espacial da ocupação é reduzida, não ultrapassando a área coberta 80 m<sup>2</sup>. Tendo em atenção este último valor, e considerando que está estabelecido que a cada 4.5 m<sup>2</sup> de área coberta corresponde 1 indivíduo, o número de habitantes do sítio poderá estabelecer-se em 17,7. Mais seguro será contudo afirmar que este número não ultrapassaria os 20. Os dados que a escavação da necrópole permitiu recolher apontam também neste sentido. Tudo indica pois que foi um número muito restrito de indivíduos que ocupou aquela área, mesmo sabendo que para o número de habitantes calculado as sepulturas teriam obrigatoriamente de ser mais numerosas<sup>7</sup>.

Um outro aspecto que se reveste de particular importância é o da localização do sítio na área imediata da Ria e próxima do mar, o que condicionou e traçou o perfil da dieta alimentar desta comunidade. A recolha de todo o tipo de bivalves possíveis de ser recolectados em meio estuarino e oceânico foi, sem margem para dúvidas, uma das principais actividades, assumindo o seu consumo um papel preponderante e decisivo na alimentação. As enormes concentrações de conchas de bivalves encontradas, sob a forma de verdadeiros concheiros, contendo várias centenas de m<sup>3</sup> de fauna malacológica, são o melhor dos argumentos para defender esta hipótese. Naturalmente, que a agricultura e o pastoreio foram também praticadas. Dessas actividades falam por um lado as mós e, por outro, a fauna mamalógica recolhida. Mas tudo indica que a pesca e a recolha de moluscos forneciam à população da Quinta do Lago a grande maioria das proteínas necessárias.

Relativamente aos espaços habitacionais, e para além da pobreza construtiva do conjunto, ficou evidenciada a plurifuncionalidade dos espaços cobertos. De facto, e como já referimos, a existência de lareiras em todos os compartimentos permite concluir que a sua polivalência, em termos funcionais, foi uma realidade. Esta mesma situação foi

<sup>6</sup> Informação e classificação preliminar que agradecemos à Dra. Maria João Valente. | <sup>7</sup> Atendendo ao facto de a ocupação do local se ter prolongado por cerca de dois séculos, e que a taxa de mortalidade pode situar-se, para as sociedades pré-industriais, entre os 35,5 e os 40%, e ainda que a renovação de gerações se terá efectuado, tal como na Dinamarca entre 500 a. C. e 1000 d.C., de 18,8 em 18,8 anos, na Quinta do Lago deveriam existir entre 120 e 140 sepulturas. Efectivamente foram escavadas 76. Mas, como se referiu, existem indícios da existência de outras, umas ainda não escavadas e outras destruídas pela construção do campo de golfe. Os valores a que se chegou fornecem, assim, contornos relativamente seguros para a proposta de cálculo demográfico apresentada, parecendo evidente que os elementos recolhidos na necrópole não contrariam a hipótese de uma fraca densidade populacional sobre o sítio.



igualmente constatada no Levante espanhol, para as mesmas época e realidades, onde, aliás, a pobreza construtiva foi também verificada (Bazzana, 1990).

É ainda nos sítios rurais estudados por Bazzana no Shark al-andaluz (*ibid.*) que encontramos paralelos para outras situações que pudemos constatar no Tejo do Praio. A grande percentagem de ocorrências de achados relacionados com a tecelagem (fusos, cossoiros) nos espaços extra-muros parece indicar que, no caso em estudo, estas tarefas decorreriam preferencialmente nos pátios. Estes desempenhariam, pois, um importante papel no quotidiano como lugar de trabalho, funcionando como espaços domésticos complementares, tal como acontecia na área estudada pelo investigador francês da Casa de Velasquez (*ibidem*). Também no que se refere à planta dos edifícios, os paralelismos entre as duas regiões são evidentes, tratando-se, nos dois casos, de habitações que seguem um mesmo esquema: pátio enquadrado por dois compartimentos formando um L. A ausência de escavação e/ou publicação de sítios cronológica e funcionalmente afins em outras áreas, nomeadamente no Algarve e Andaluzia, impede a comparação da informação disponibilizada no Tejo do Praio com regiões geograficamente mais próximas. A pouca área escavada em Vale do Boto (Catarino, 1988) não permite, de facto, verificar a existência de semelhanças ou dissemelhanças entre os dois sítios em termos gerais. Mas, temos de reconhecer uma grande familiaridade no que se refere às técnicas construtivas (*ibidem*).

A proximidade da necrópole e da área de habitação é, no entanto, um elemento comum aos dois povoados algarvios. Como é natural, tanto em Vale do Boto como na Quinta do Lago os enterramentos seguem de perto a prescrição corânica, tendo a escavação provado que os enterramentos eram realizados em decúbito lateral direito, com a cabeça para Sul-sudeste. A ausência de qualquer espólio comprovou também a deposição directa sobre a terra. Na necrópole de Vale do Boto, as sepulturas eram cobertas por telhas (Catarino, 1988) cobertura que, no Tejo do Praio, se verificou apenas em dois casos. Nos restantes, apenas a terra cobria o esqueletos.

A necrópole do Tejo do Praio, bem como de algum modo a de Vale do Boto e as dos núcleos rurais em geral, diferem muito das que têm vindo a ser identificadas em ambientes urbanos, tanto quanto à localização relativamente ao espaço habitado, como quanto à estruturação espacial das sepulturas e à complexidade tipológica das coberturas utilizadas (Rosello Bordoy, 1989). Há pouco tempo, Peral Bejarano (1995:16) propôs que as dissemelhanças entre necrópoles rurais e urbanas fossem consequência do facto de estes núcleos rurais serem constituídos por populações mais conservadoras, com menos recursos e mais afastadas das influências urbanas, o que implicaria uma pervivência de tipos mais antigos de enterramentos.

### 5.O sítio islâmico do Tejo do Praio no contexto da ocupação islâmica do Sul peninsular.

O estudo da ocupação humana do Tejo do Praio levanta ainda uma série de questões sobre as quais parece importante e necessário reflectir.

A existência, ou não, de continuidade entre as ocupações romana e islâmica é justamente uma dessas questões, apesar de, e tal como para muitas de outras *villae* do litoral algarvio, a informação ser, quanto a este aspecto concreto, bastante escassa. Convém, no entanto, lembrar, que, como já referimos, as duas áreas de ocupação nunca se sobrepõem, o que poderá significar uma intenção clara de distanciar o núcleo islâmico do precedente, tornando-se assim evidente a ruptura com o núcleo de povoamento anterior.

Por outro lado, na área onde se verificou a ocupação islâmica, os materiais recolhidos inserem-se num período compreendido entre os séculos X e XII, eventualmente inícios do XIII, podendo os mais antigos remontar, com algumas reservas, à segunda metade do século IX. Alguns dos escassos materiais mais antigos, atribuíveis aos séculos VIII-IX, surgem, precisamente, nos estratos de superfície do núcleo romano, sem que tenha sido documentada qualquer realidade arqueológica inequívoca de uma re-ocupação/re-utilização islâmica antiga das estruturas romanas pré-existentes. A evidência arqueológica não deixa pois perceber se a realidade verificada no núcleo romano corresponde a uma

presença esporádica, ou, pelo contrário, a uma presença efectiva que, sendo curta no tempo, não tem "expressão sedimentológica".

Neste mesmo contexto, não podemos deixar de nos questionar sobre a validade de uma proposta de ruptura ter como base um distanciamento de aproximadamente 1000 metros e, por antítese, uma leitura de continuidade ser travejada numa sobreposição física de estratos e estruturas.

Contudo, e apesar das dúvidas que ainda restam, a solução de estabelecimento adoptada no caso do sítio do Tejo do Praio segue os princípios da fase de povoamento rural islâmica antiga, em que, nas áreas próximas do litoral, prossegue a ocupação de grande parte dos sítios romanos. Neste caso concreto, em que a cultura material nos remete para uma cronologia de estabelecimento em pleno século X, a partir do califado, o mesmo que dizer, numa segunda fase de povoamento rural em que se desenvolvem muitas das alcarias, reside talvez a explicação para a aplicação do princípio, mas não para a manutenção do sítio anterior.

É também principalmente a partir deste período que o território de Ossonoba recupera o grau de desenvolvimento económico que havia alcançado durante o período romano. Poderá ser talvez sob esta esfera global de desenvolvimento que vemos surgir e evoluir o sítio agora apresentado.

O sítio do Tejo do Praio inscreve-se, provavelmente, na rede de povoamento rural que se iniciou neste momento, mas que se desenvolveu verdadeiramente a partir de finais do século X/inícios do século XI, principalmente a partir dos reinos de Taifas, onde se inserem igualmente Azinhal dos Mouros, Cortiçadas, Estouriz (Catarino, 1999). A evolução desta rede é, no entanto, difícil de classificar cronológica e hierarquicamente, sendo de todo impossível, em função dos sítios conhecidos, avaliar eventuais rupturas ou continuidades.

A partir de finais do século XI/inícios do XII, os sítios rurais tomam maior importância como centro de povoamento e de exploração económica, continuando muitos deles em plena utilização e, em alguns casos, a alargar a própria área. É talvez sob

esta perspectiva que podemos entender o núcleo habitacional V, no Sector CII. Claramente diferente das restantes, esta casa parece ter sido fundada tardiamente, num momento impreciso entre os finais do século XI e durante o século XII. Esta datação relativa é baseada não só nos materiais aí recolhidos, como também na própria "vala", que, como já referimos, está directamente articulada com a casa.

No que diz respeito à sua organização interna, propriamente dita, e à estruturação dos seus espaços habitacionais, o Tejo do Praio partilha com as alcarias algumas características. Tal como elas, o sítio em análise localiza-se numa zona plana, e, simultaneamente, espalha-se por vários núcleos habitacionais. Mas o certo é que nas alcarias, as habitações dispõem-se, quase sempre, ao longo de uma rua principal ou em torno de uma fonte ou poço, bens sociais comuns, que se tornam centros estruturantes do povoado. No nosso caso, é visível que a disposição das habitações não está em função de um arruamento ou de outro traçado pré-delimitado. Paralelamente, não foi detectada qualquer outro tipo de elemento espacialmente estruturante, apesar de a área central a todos os núcleos habitacionais ter sido intervencionada.

Relativamente ao momento do seu abandono, a escassez de determinadas evidências dificulta a sua caracterização. A presença apenas vestigial, de cerâmicas atribuíveis ao período Almóada pleno, levam-nos a considerar o abandono do sítio neste momento, possivelmente antes da Reconquista da região, à semelhança de Vale do Boto (Catarino, 1988), entre outros sítios. Os avanços da Reconquista e as lutas internas no Andaluz, que culminam com o estabelecimento do poder Almóada, em finais do século XII / inícios do XIII, conduziram a uma maior preocupação defensiva em relação aos núcleos urbanos.

Este facto, aliado às frequentes ausências no registo arqueológico, permitem pensar que se assiste a uma retracção, talvez generalizada, do mundo rural, em que se inscreve o abandono do Tejo do Praio. Ao que tudo indica, a população do mundo rural deve ter-se concentrado, preferencialmente, nas áreas protegidas pelos recintos fortificados, ou em sítios de maiores dimensões, dotadas de instrumentos ou de sistemas defensivos afins.

## Bibliografia

- > Arruda, A.M.; Fabião, C., 1990- «Ânforas da Quinta do Lago (Loulé)». In *Ânforas da Lusitânia. Conímbriga/ Paris: Museu Monográfico de Conímbriga/ Mission Archaéologique Française au Portugal*, p. 199-213.
- > Azuar Ruiz, R., 1989- *Denia islâmica. Arqueologia y poblamiento*. Alicante: Instituto de Cultura Juan Gil- Albert.
- > Bazzana, A., 1979- « Cerámiques médiévales: les méthodes de la description analytique appliquées aux productions de l'Espagne orientale », in *M.C.V., Paris, vol. XV*, p.135-185.
- 1980- « Cerámiques médiévales: les méthodes de la description analytique appliquées aux productions de l'Espagne orientale : II. Les poteries décorées. Chronologie des productions médiévales», in *M.C.V., Paris, vol. XVI*, p.57-95.
- 1986- «Essay de typologie des ollas valencienas». In *II C.C.M.M.O.*.Madrid: ed. Ministerio de Cultura, p.93-98.
- 1990 - «Maisons rurales du Shark al-andaluz. Essai de typologie». In *La casa hispano-musulmana. Aportaciones de la arqueologia*. Granada: Publicaciones del patronato de la Alhambra y generalitat.
- > Catarino, H., 1997/98- « O Algarve Oriental durante a ocupação islâmica. Povoamento rural e recintos fortificados», in *al'ulyā, Loulé*, 6.
- 1988- Para o estudo da ocupação muçulmana no Algarve Oriental. (Concelhos de Alcoutim e Castro Marim). Trabalho de síntese apresentado à Faculdade de Letras de Coimbra como prova de aptidão pedagógica e capacidade científica. Coimbra. Exemplar policopiado.
- > Macías, S., 1996- *Mértola Islâmica. Estudo Histórico-Arqueológico do Bairro da Alcáçova (Séculos XII-XIII)*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.
- > Peral Bejarano, C., 1995- «Excavación y estudio de los cementerios urbanos andalusíes. Estado de la cuestión». In Torres Palomo, M. P., Acien Almansa, M. (eds.), 1995- *Estudios sobre cementerios islámicos andalusíes*. Málaga: Universidad de Málaga, p. 11-36.
- > Rossello Bordoy, G., 1978 – *Ensayo de sistematización de la ceramica arabe em Mallorca*. Palma de Mallorca.
- 1989- «Almacabras, ritos funerarios y organización social en Al-Andalus». In *Actas del III C.A.M.E.*, vol.I. Oviedo, p.151-168.
- 1991- *El nombre de las cosas en Al-Andaluz: una propuesta de terminología cerámica*. Palma de Mallorca.
- 1994- « Arqueología e información textual: el utillaje en la cocina andalusí». In *La alimentación en las culturas islámicas*. Madrid: Agencia Española de Cooperación Internacional,, p.37-87.